

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

6 Jan 2023 · 21:00 Sala Suggia

7 Jan 2023 · 18:00 Sala Suggia

CONCERTO DE ANO NOVO



casa da música

MECENAS CASA DA MÚSICA



A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Johann Strauss II

“Abertura” de *O Barão Cigano* (1885; c.8min)

Erich Korngold

Straussiana (1953; c.8min)

(Polca — Mazurca — Valsa)

Johann Strauss II

“Csárdás” de *Ritter Pázmán* (1892; c.5min)

Richard Strauss

Introdução e Valsa de *O Cavaleiro da Rosa* (“Walzerfolge n.º 1”) (1910; c.13min)

2ª PARTE

Ferruccio Busoni

Tanzwalzer, op. 53, segundo Johann Strauss (1920; c.12min)

(Introdução e quatro danças)

Johann Strauss II

Fledermaus-Quadrille, op. 363 (1874; c.5min)

(Pantalon — Eté — Poule — Trénis — Pastourelle — Finale)

Robert Fuchs

“Finale” da *Serenata n.º 5*, op. 53 (1894; c.5min)

Johann Strauss II

Fata Morgana (polca-mazurca), op. 330 (1869; c.4min)

Johann Strauss II

Marcha Persa, op. 289 (1864; c.2min)

Johann Strauss II

Contos do Oriente, op. 444 (1892; c.8min)

(Introdução e quatro valsas)

Ainda que existam origens mais recuadas, o primeiro concerto de Ano Novo de Viena, com o formato que ainda hoje, de certa forma, se mantém, decorreu no último dia do ano de 1939, no Musikverein, pela Orquestra Filarmónica de Viena, dirigida por Clemens Krauss (1893-1954). Exclusivamente com obras de Johann Strauss II (1825-1899), o concerto foi uma ocasião festiva apresentada como escape à realidade da guerra e para animação das tropas; no fundo, um evento com uma motivação ideológica óbvia que, nos anos depois da 2.^a Guerra Mundial, acabou por se dispersar da memória colectiva. O primeiro concerto foi apresentado simplesmente como “concerto especial”, começando efectivamente a tradição de Ano Novo a 1 de Janeiro de 1941. Seguindo sensivelmente sempre o mesmo esquema, com cerca de doze obras sobretudo da família Strauss, entre valsas, polcas e marchas — não faltando o *Danúbio Azul* e a *Marcha Radetsky* como *encores* —, o concerto tem sido feito todos os anos, até mesmo em 2021 (embora o contexto pandémico tenha levado a que, nessa ocasião, fosse apresentado e televisionado, pela primeira vez, sem público na sala). O modelo foi replicado um pouco por toda a Europa nas grandes salas de concerto, sempre com especial enfoque na valsa e na tradição oitocentista vienense, contexto em que se destacava a forte actividade em torno da música mais direccionada para o divertimento oficial da corte. Foi precisamente nesse contexto, ao longo do século XIX, que danças como valsas e polcas foram cultivadas e celebrizadas, sobretudo por compositores como Josef Lanner (1801-1843) e Johann Strauss I (1804-1849), associados à criação da valsa clássica vienense. O género, consumado e difundido por toda a Europa principalmente por Johann Strauss II, acabou por rapidamente exceder os limites do salão de

baile, tornando-se inclusivamente segmento fundamental de operetas vienenses e ocupando, do século XIX em diante, um lugar de destaque em muitos géneros instrumentais.

Num programa inteiramente dedicado à Viena Imperial, a figura central é Johann Strauss, quer com obras de sua autoria, quer na inclusão de outras que lhe são dedicadas ou profundamente devedoras.

Este concerto inicia-se com a “Abertura” de *O Barão Cigano* (*Der Zigeunerbaron*), de **Johann Strauss**, opereta em três actos estreada em Viena, a 24 de Outubro de 1885, e apresentada em Budapeste a 27 de Novembro desse mesmo ano. A opereta pode ser lida como obra de reconciliação no clima do Império Austro-Húngaro, apesar de provavelmente não ter sido essa a intenção de Johann Strauss. Porém, sem dúvida, é um reflexo da complexidade do contexto e sobretudo da cultura celebratória dos Habsburgos, com agendas políticas complexas e significados além da aparente pompa e respeitabilidade. O libreto discute a benevolência da Áustria na governação da Hungria, facto notado pela imprensa coeva e posteriormente apropriado para diferentes agendas políticas. Conta a história de Barinkay, filho de um refugiado banido da Hungria que regressa à terra natal depois de uma amnistia, deparando-se com uma terra ocupada por ciganos. Apaixona-se por uma cigana descendente de um Paxá e rejeita-a por ela ser hierarquicamente superior. Contudo, é descoberto um tesouro enterrado e Barinkay enriquece. Com a eclosão do conflito com Espanha, Barinkay doa a sua fortuna para os esforços de guerra e vai lutar pela Áustria. A cena final da opereta passa-se em Viena, terminando com o regresso vitorioso e o casamento de Barinkay. *O Barão Cigano* foi das operetas

de maior sucesso de Johann Strauss, ocupando desde a sua estreia um lugar incontornável dentro do repertório do género.

O concerto prossegue com *Straussiana*, composta em 1953 por **Erich Wolfgang Korngold** (1897-1957) — compositor austríaco naturalizado norte-americano, hoje fundamentalmente reconhecido como compositor de Hollywood —, que presta homenagem a Johann Strauss II numa breve obra constituída por (1) Polka, (2) Mazurka e (3) Valsa, com excertos das operetas *Fürstin Ninetta*, *Cagliostro in Wien* e *Ritter Pázmán*. *Straussiana*, que parte do vasto trabalho de Korngold como arranjador de operetas de Strauss, surge como homenagem do compositor às suas memórias de juventude em Viena. Inicialmente composta para orquestra escolar, acabou por ser também adaptada para orquestra sinfónica, tornando-se uma das obras mais tocadas em concertos festivos.

Ritter Pázmán é uma opereta em três actos de **Johann Strauss II**, composta em 1892, com libreto do húngaro Ludwig Dóczi, baseado num poema narrativo húngaro de János Arany. A acção desenrola-se numa Hungria renascentista: o cavaleiro Pázmán regressa ao seu castelo vindo de uma caçada, com um grupo de caçadores. Enquanto não está a olhar, um deles beija a sua esposa. Pázmán descobre e dirige-se ao castelo do rei para exigir justiça, ou seja, beijar a mulher do caçador como retaliação. O rei acaba por assumir que foi ele o autor do beijo e concede-lhe o direito de beijar a rainha. Desta opereta escutaremos “Csárdás”, um dos excertos mais reconhecidos, especialmente pela utilização do dulcimer ou saltério. Danças tradicionais húngaras possivelmente com origens no século XVIII, as csárdás caracterizam-se pelo início em andamento lento e

progressivo *accelerando* até ao andamento rápido, elemento aproveitado e intensificado pelos vários compositores que se têm dedicado ao género. Ainda que o enredo da opereta não tenha agradado sobremaneira no momento da estreia, a recepção crítica e pública da opereta acabou por garantir-lhe posteridade, sobretudo pela qualidade da orquestração.

Der Rosenkavalier (*O Cavaleiro da Rosa*), ópera cómica em três actos com libreto de Hugo von Hofmannsthal, foi composta por **Richard Strauss** (1864-1949) em 1910 e estreada na Königliches Opernhaus de Dresden, a 26 de Janeiro de 1911. A quinta ópera deste compositor é ambientada na Viena do século XVIII, centrando-se na história de amor entre Octavian, jovem amante da princesa Werdenberg, e Sophie von Faninal, a quem Octavian deve entregar a tradicional rosa de prata como pedido de casamento do barão Ochs von Lerchenau. Com muitas semelhanças com *Le nozze di Figaro* e *Don Giovanni*, é possivelmente a mais mozartiana das óperas de Richard Strauss, apesar da modernização da linguagem e utilização de recursos, nomeadamente na anacrónica inclusão de valsas ao longo da ópera — uma delas, a “Waltzerfolge n.º 1”.

Mais uma homenagem a Johann Strauss II, composta em sua memória, *Tanzwalzer*, op. 53, de **Ferruccio Busoni** (1866-1924), foi escrita em 1920 e estreada um ano depois, pela Orquestra Filarmónica de Berlim, sob a direcção do próprio compositor. Seguindo o modelo formal de Johann Strauss, Busoni apresenta-nos uma obra igualmente com introdução lenta, uma sucessão de quatro valsas e codas, trazendo-nos, porém, uma releitura do género vienense pela modernização da linguagem tonal e introdução de irregularidades e flutuações rítmicas.

A obra apresentada de seguida é *Fledermaus-Quadrille*, op. 363, de **Johann Strauss**, composta em 1874. Cada um dos seis andamentos contém dois ou três excertos da opereta *Die Fledermaus*, cumprindo o esquema da quadrilha (normalmente quatro a seis contradanças). A opereta, composta também em 1874, narra em três actos a história de Gabriel von Eisenstein, que deve cumprir uma curta pena de prisão e decide divertir-se na última noite de liberdade; da sua esposa Rosalinde, que nessa mesma noite é visitada pelo amante que acaba por ser preso em vez de Eisenstein; e do amigo Frank, que pretende vingar-se, num baile, de uma partida que Eisenstein lhe fizera no passado.

Robert Fuchs (1847-1927) foi maioritariamente compositor de música sinfónica e música de câmara. Da sua última serenata (*Serenata n.º 5*, op. 53, composta em 1894), escutaremos o último de quatro andamentos: “Finale. Allegro vivace (Walzer Tempo)”. Dedicada também a Johann Strauss II, segue a estrutura habitual das serenatas — que pode variar entre os quatro e os dez andamentos. Foi composta para pequena orquestra (flauta, oboé, clarinete, oboé, fagote, duas trompas, dois violinos, viola, violoncelo e contrabaixo), enquanto as anteriores serenatas de Fuchs eram destinadas exclusivamente a orquestra de cordas.

As últimas três obras do programa são, de novo, de **Johann Strauss II**. A primeira, *Fata Morgana*, op. 330, é uma polca-mazurca, dança que junta as tradições checas e polacas em ritmos ternários e pontuados. Juntamente com a valsa, a polca e a mazurca foram das danças de salão mais apreciadas ao longo do século XIX, independentizando-se posteriormente desse contexto. Depois da *Marcha Persa*, op. 289,

composta em 1864 e dedicada ao xá da Pérsia Naser al-Din Shah Qajar, o programa termina com *Contos do Oriente*, op. 444, uma obra composta em 1892 e dedicada ao sultão otomano Abdul Hamid Kahn II. A primeira, muito breve, afirma-se nos anos subsequentes quase como obra musical oficial, tendo substituído o Hino da Pérsia numa visita oficial do dedicatário por ocasião da Exposição Universal de Viena de 1873. A segunda, compreendendo em si excertos de valsas, distancia-se do contexto marcial e oficial para se aproximar da música de salão. Todavia, ambas são produto do fascínio da Europa Central oitocentista pelo estrangeiro, pelo exterior, pelo imaginado como longínquo, profundamente distante e exótico — fixação, de resto, também presente na representação da cultura cigana que nos é apresentada na “Abertura” deste concerto.

ISABEL PINA, 2022

Stefan Blunier direcção musical

Stefan Blunier tornou-se maestro titular da Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música no início de 2021. Além dos seus compromissos no Porto, a temporada 2022/23 leva-o a dirigir a Orquestra Nacional de Lille e a Filarmónica de Copenhaga. Na temporada passada, foi convidado para os pódios da Orquestra da Suíça Romanda, da Sinfónica de Berna, da Orquestra Estatal de Darmstadt, da Sinfónica da Ópera de Toulon e da Sinfónica de Singapura. Em Junho de 2022 regressou à Ópera Alemã do Reno com *Macbeth* de Verdi.

Depois da nova produção de *Wozzeck* de Berg, no Grand Théâtre de Genève, em 2017, Blunier foi imediatamente convidado para uma nova produção de *O Barão Cigano*. Dirigiu depois *Lohengrin* na Ópera de Frankfurt, onde foi recentemente bem-sucedido com *Daphne*, *Tristão e Isolda* e *Carmen*. É convidado frequente da Ópera Alemã de Berlim, onde se apresentou com *Carmen*, *Salomé* e *O Morcego*. Dirigiu *Diálogos das Carmelitas* de Poulenc na Ópera Estatal de Hamburgo, *Os Contos de Hoffmann* na Den Norske Opera (Oslo) e na Komische Oper (Berlim), e ainda uma nova produção de *Der ferne Klang* de Schreker na Ópera Real Sueca.

Com produções como *Der Golem* de Eugen d'Albert e *Irrelohe* de Schreker, Blunier ajudou a Orquestra Beethoven e a Ópera de Bona a conquistarem prestígio para lá da sua região, durante o período em que foi director geral de música da cidade, até 2016. Ambas as óperas foram editadas pela Dabringhaus & Grimm e receberam vários prémios: ECHO 2011 (*Golem*) e 2012 (*Irrelohe*), bem como o Prémio da Crítica Discográfica Alemã 2012 (*Irrelohe*). O seu trabalho com esta orquestra incluiu uma impressionante discografia, com obras raramente

apresentadas de Bruckner, Liszt e Schmidt, bem como um ciclo dedicado a Beethoven.

Como maestro de ópera, tem-se apresentado em cidades como Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Montpellier, Oslo, Berna e Londres. Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Sinfónica de Duisburg, o Frankfurt Museumskonzerte e muitas orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França. Entre os seus compromissos recentes, destacam-se a Sinfónica NHK, a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica Nacional da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, a Staatsphilharmonie Rheinland-Pfalz, a Filarmónica do Sul dos Países Baixos, a Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi maestro convidado principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013).

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang, em Essen. É fundador do Ensemble für Neue Musik Essen. Depois do sucesso alcançado nos Concursos de Direcção de Besançon e Malko, foi nomeado maestro titular associado em Mannheim e director musical e maestro titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato como director geral de música da Ópera e da Orquestra Beethoven de Bona (2008-2016).

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Stefan Blunier maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Baldur Brönnimann, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihu Inbal, Michail Jurowski, Christoph König, Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Jörg Widmann, Ryan Wigglesworth, Antoni Wit, Christian Zacharias, Lothar Zagrosek, Nuno Coelho, Pedro Neves, Joana Carneiro, Abel Pereira, Tito Ceccherini e Clemens Schuldt.

Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Harrison Birtwistle, Georg Friedrich Haas, Jörg Widmann, Philippe Manoury e Rebecca Saunders, a que se junta em 2023 o compositor e maestro Enno Poppe.

A Orquestra tem pisado os palcos das mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e em 2021 actuou pela primeira vez na emblemática Philharmonie de Colónia. Em 2023, apresenta novas encomendas da Casa da Música aos compositores Heiner Goebbels, Pedro Amaral, José Maria Sanchez-Verdú, Klaus Ospald e João Caldas. Nesta temporada, destaca-se ainda a interpretação da ópera *Elektra*

de Richard Strauss, da cantata *Carmina Burana* de Carl Orff e de várias obras em estreia nacional — entre as quais *A House of Call. My Imaginary Notebook* de Heiner Goebbels, *Requiem* de Hans Werner Henze, o Concerto para piano e orquestra de Ferruccio Busoni e *Stele* de György Kurtág.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os discos monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015), Georges Aperghis (2017), Harrison Birtwistle (2020), Peter Eötvös e Magnus Lindberg (2021), além de gravações de dezenas de obras de compositores portugueses.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Após a extinção das Orquestras da Radiodifusão Portuguesa foi fundada a Régie Cooperativa Sinfonia (1989-1992), sendo posteriormente criada a Orquestra Clássica do Porto e, mais tarde, a Orquestra Nacional do Porto (1997), alcançando a formação sinfónica com um quadro de 94 instrumentistas em 2000. A Orquestra foi integrada na Fundação Casa da Música em 2006, vindo a adoptar a actual designação em 2010.

Violino I

Álvaro Pereira
Krzysztof Wisniewski*
Radu Ungureanu
Ianina Khmelik
Maria Kagan
Roumiana Badeva
Vladimir Grinman
Andras Burai
Emília Vanguelova
José Despujols
Vadim Feldblioum
Alan Guimarães
Henrique Gonçalves*
José Pedro Rocha*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Karolina Andrzejczak
Domingos Lopes
Lilit Davtyan
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Catarina Resende*
Raquel Santos*

Viola

Trevor McTait*
Hazel Veitch
Jean-Loup Lecomte
Emília Alves
Anna Gonera
Biliana Chamlieva
Luís Norberto Silva
Rute Azevedo
Theo Ellegiers
Francisco Moreira

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Hrant Yeranosyan
Sharon Kinder
João Cunha
Michal Kiska
Aaron Choi

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Joel Azevedo
Tiago Pinto Ribeiro
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Angelina Rodrigues
Alexander Auer

Oboé

Tamás Bartók
Sofia Brito*
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Pedro Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz
José Bernardo Silva
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik

Trompete

Sérgio Pacheco
Luís Granjo
Rui Brito

Trombone

Dawid Seidenberg
Ivan Vicente*
Nuno Martins

Tuba

Sérgio Carolino

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões
André Dias*

Harpa

Ilaria Vivan

Piano

Luís Duarte*

*instrumentistas convidados

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS CASA DA MÚSICA

